

EVOCAÇÃO

Evocação

© Marcia Kupstas, 2012

Gerente editorial Claudia Morales
Editor Fabricio Waltrick
Editora assistente Carla Bitelli
Diagramadores Thatiana Kalaes, Fábio Cavalcante
Estagiária (texto) Ana Luiza Candido
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisoras Cláudia Cantarin, Flávia Yacubian
Projeto gráfico Elisa von Randow
Coordenadora de arte Soraia Scarpa
Editoração eletrônica Ponto Inicial Design Gráfico e Editorial
Tratamento de imagem Cesar Wolf, Fernanda Crevin

Crédito das imagens p. 154 e 155: acervo pessoal; demais fotos: Renato Parada

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98f

Kupstas, Marcia, 1957-
Evocação / Marcia Kupstas ; ilustrações de Adams Carvalho. – 1 ed. –
São Paulo : Ática, 2012.
16op. : il. – (Marcia Kupstas)

Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-15442-5

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Carvalho, Adams.
II. Título. III. Série.

11-8100.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 15442-5 (aluno)
ISBN 978 85 08 15443-2 (professor)
Código da obra CL 737917
Cae 267202

2014

1ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2012
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

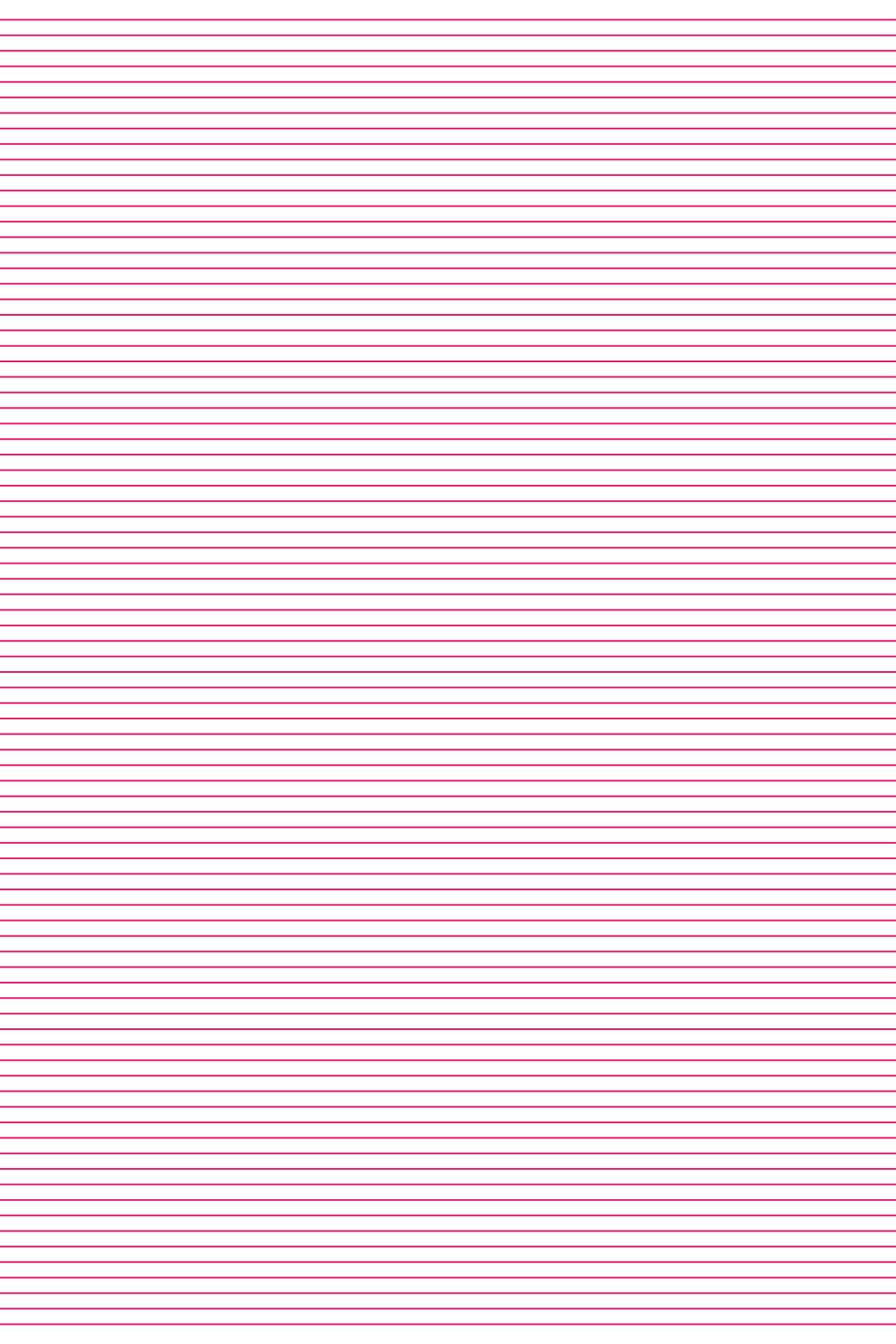
IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livrarias, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



MARCIA KUPSTAS

EVOCÇÃO

Ilustrações de Adams Carvalho



HÁ DUAS QUESTÕES a respeito de *Evocação* que gostaria de dividir com você, querido leitor. A primeira é que certos aspectos do livro são verdadeiros: a estrada de terra para a praia dos descendentes de quilombolas, o cemitério no morro, o túmulo com a prancha de surfe, até uma casa igualmente misteriosa... tudo isso existe. Há uns oito anos, quando acompanhei minha filha (na época, adolescente) e suas amigas em uma viagem ao litoral norte de São Paulo, percebi que elas ficaram um bocado impressionadas com essas coisas e passaram longas horas assustando uma às outras com a ideia de um surfista-fantasma e de visitas do além.

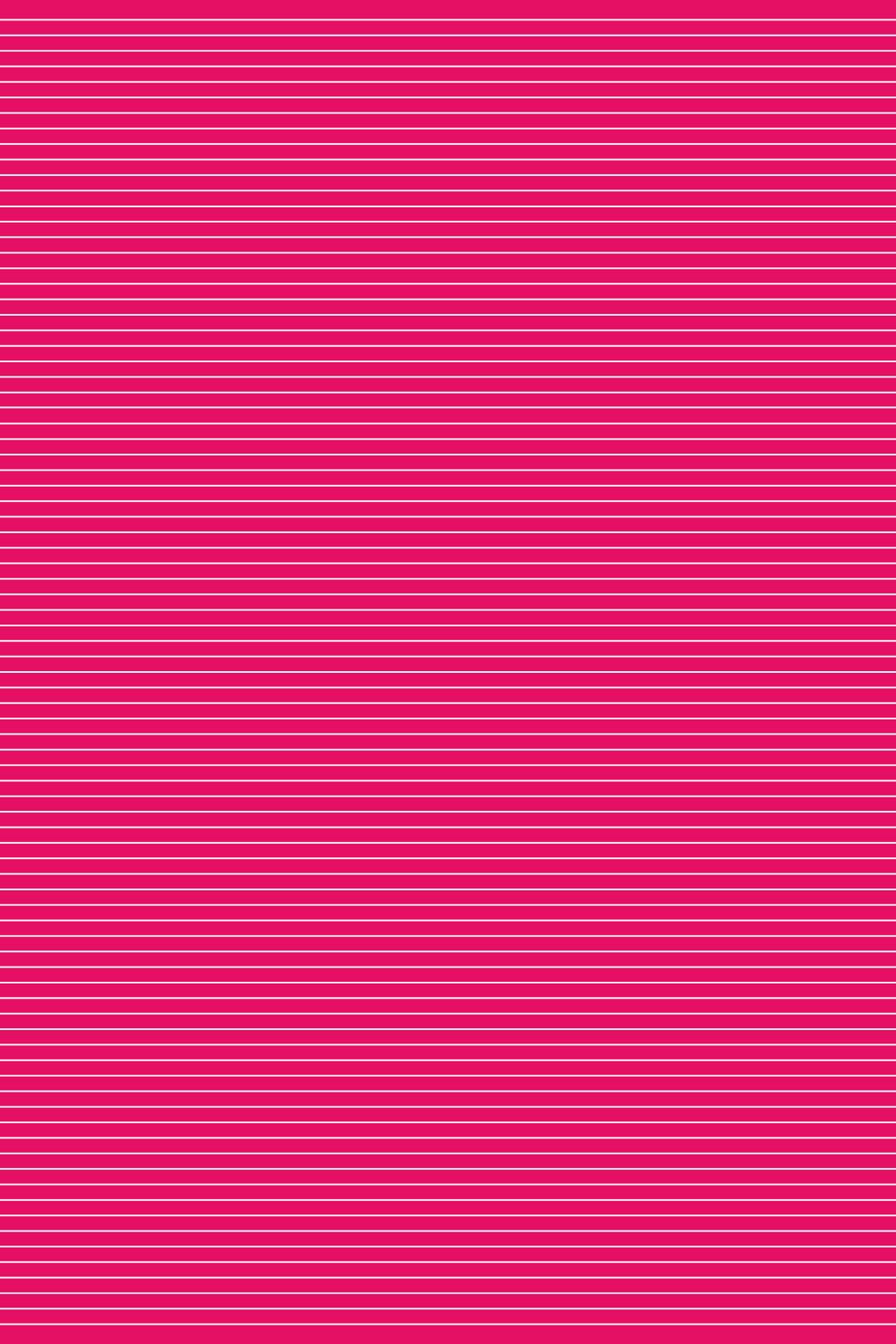
A segunda tem relação com uma frase de um escritor que admiro, o norte-americano Stephen King. Ele disse que todo mundo tem uma história que gostaria de recontar. A minha era *Outra volta do parafuso*, de Henry James, consagrada obra de tema espectral em que *Evocação* tem livre inspiração. Há um paralelo no que se refere a um narrador-cúmplice da possessão por uma alma penada, a dúvida sobre a existência da assombração, o clima denso da narrativa...

No mais, *Evocação* é um livro que me orgulho de ter escrito. Espero que possa seduzi-lo e assombrá-lo, como deve fazer toda história que se propõe de terror.

Um abraço,

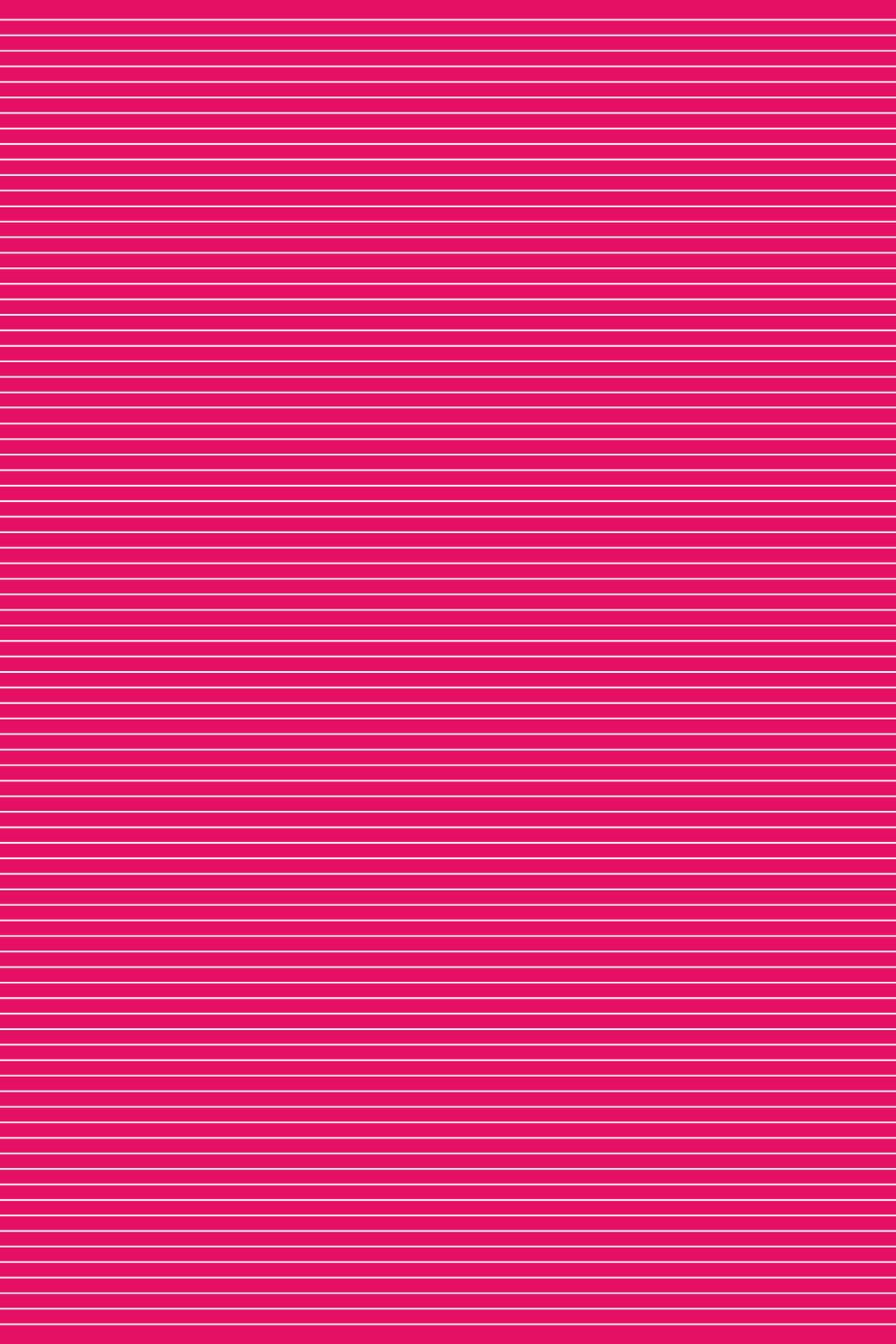
Marcia Kupstas





SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	11
CAPÍTULO 2	21
CAPÍTULO 3	33
CAPÍTULO 4	42
CAPÍTULO 5	51
CAPÍTULO 6	62
CAPÍTULO 7	74
CAPÍTULO 8	83
CAPÍTULO 9	91
CAPÍTULO 10	99
CAPÍTULO 11	106
CAPÍTULO 12	113
CAPÍTULO 13	123
CAPÍTULO 14	129
CAPÍTULO 15	137
CAPÍTULO 16	145
OS SONHOS DE MARCIA KUPSTAS	153



**“Tudo o que acontece é natural —
inclusive o sobrenatural.”**

MÁRIO QUINTANA

CAPÍTULO 1

ESTAVA COM 15 ANOS quando tive meu primeiro contato com o sobrenatural. Foi há seis anos, mas parece uma vida.

É estranho escrever isso com tamanha calma? Deve ser. Afinal, sou uma pessoa normal e pessoas normais deveriam temer aquilo que vem do outro lado...

Prefiro explicar essa aparente tranquilidade com as palavras de um escritor: “O mal da condição humana, de qualquer condição humana, é que depressa nos acostumamos a ela”. É *normal* sentir medo do que vi, do que fiz, do que nos aconteceu. Mas a gente se acostuma e a vida segue.

Além disso, tenho um plano. Conto com duas semanas para rever detalhe a detalhe o que nos aconteceu naquela ocasião. Quem sabe, nesse diário da lembrança, não encontre algo que faça reverter o processo?

Mas também existe a outra possibilidade, não é? A de que, ao lembrar, descubra que tudo aquilo talvez já estivesse escrito; que desde o primeiro momento fomos conduzidos para lá, induzidos a usar aquelas palavras, agir como agimos, ver o que vimos... e nada pode ser mudado.

O que mais me assusta é supor que destino e livre-arbítrio não sejam opções normais diante de um fantasma.

Porque a minha história tem um fantasma.

E quase posso ouvir sua voz. Sussurra e ri da minha absurda soberba humana. Já não agia assim naquela época? Será que não estava por ali, esperando por nós, infelizes mortais que atropelaram as barreiras, crentes de que éramos os donos do próprio nariz, quando, na verdade, a gente já raspava as fronteiras entre o mundo que se vê e o outro, o invisível?

Calma. Respire fundo. Feche os olhos. E pense. Lembre.

Escreva: o que houve, quando, com quem.



Meu nome é Magda, um batismo em homenagem à vovó Magdalena, que tem um nome antigo, mas é bem moderninha. Uma professora universitária, que publica teses de nomes complicados e vive cercada por livros enormes, em eternas pesquisas.

Todo mês de julho, vovó reunia os netos que ainda não tinham nada planejado para passar uns vinte dias na praia. Geralmente, em casas ou apartamentos que ela alugava mais barato por causa da baixa temporada. Eu participava dessa rotina havia pelo menos seis anos e gostava dos encontros. Era a chance de conhecer uma praia nova e curtir primos e primas que pouco veria se não fossem essas férias.

Daquela vez foi um pouco diferente. Uma colega de vovó emprestou sua casa no litoral norte. Disse que “era uma pena, casa tão grande e ninguém da família tem tempo de ir” e vovó agradeceu pela estadia gratuita. Então, estávamos em uma praia diferente (mais distante das que geralmente frequentávamos, em centros mais agitados), numa casa também desconhecida e assumidamente solitária.

Creio hoje que a casa também teve participação no que aconteceu. Mas isso se revelará na hora certa.

O certo é que fomos em dois carros: vovó Magdalena dirigia um deles; minha irmã, Magali, e eu íamos com ela. No outro carro, tio Jonas levava meus primos, Lucas e Jaqueline (também conhecida como Jackie), e a amiga dela, Bárbara.

— Pelo mapa, é aqui. — Vovó conferiu o papel e desligou o motor.

Olhei para Magali, enfurnada no banco traseiro entre algumas caixas de mantimentos e o aparelho de TV. Ela devolveu um olhar desconfiado.

— É grande, né, vovó... — disse ela. — Mas...

— Parece meio detonada — completei, encarando o muro esverdeado de hera e um portão de madeira danificado pelo tempo.

— Mãe, se quiser, a gente nem tira as coisas do carro e procura outro lugar.

Titio não passaria a temporada conosco, mas queria ficar tranquilo em relação ao nosso conforto. Vovó não pretendia desistir tão depressa.

— Vamos ver lá dentro, Jonas. Se precisar, sempre se pode fazer uma limpeza, arejar os cômodos...

— Trocar de endereço — minha prima cochichou para a amiga, alto o suficiente para ser ouvida.

A chave rangeu na fechadura e tivemos a primeira surpresa: para além dos muros, a casa era ampla e convidativa. Era térrea e larga e se espalhava no meio do terreno, “construção típica do milagre econômico da década de 1970”, como explicou vovó. Nos fundos havia um sobradinho, isolado do conjunto principal pelo quintal e por algumas árvores.

A segunda surpresa foi ver que, por dentro, a casa estava bem cuidada. Nada de mofo ou poeira. Móveis de madeira grossa e rústica, louça em abundância, a antena parabólica funcionou quando a ligamos na TV. A sala imensa se juntava à varanda, e tinha três quartos e dois banheiros.

— Aprovada? — perguntou vovó, sorridente.

Concordamos e começamos a descarregar os carros.

Só depois desses imprevistos da chegada que meus primos e eu pudemos nos cumprimentar de verdade. Não os via havia praticamente um ano: Lucas, alguns meses mais novo que eu, na minha memória era um moleque feioso e ranheta. Nada disso. Como havia crescido! Como estava bonito! Jaqueline, mais velha que eu um ano e alguns meses, trazia sua amiga Bárbara, que, com 17, era a mais velha do grupo. Minha irmã Magali era a caçula, com 12.

Pode parecer estranho reforçar tanto essa questão da idade, mas tem uma época na adolescência em que isso é bem importante. Certos comportamentos que com 12 ou 14 anos parecem “normais” podem ficar deslocados numa pessoa mais velha.

Exatamente por isso, na hora de descarregar o carro, a tal Bárbara pareceu bem infantil em pegar só uns pacotinhos e fazer hora. Depois

que vovó apressou o trabalho, “o Jonas tem de voltar daqui a pouco a São Paulo”, ela soltou um suspiro fundo e ficou muito feliz quando Lucas dividiu com ela o peso de sua mala enorme até o meio da sala.

Titio foi embora e vovó comandou:

— Esse quarto ao lado do banheiro é meu. As meninas usam o quarto com os dois beliches. O Lucas fica com o quarto perto da cozinha.

— Ah, vó! — reclamou Magali. — Tanto espaço e a gente vai ficar tudo apertada? Por que o Lucas não dorme junto com...

— Confiem na minha experiência! — brincou vovó. — É melhor vocês meninas ficarem juntas. Acabam se ajudando.

E assumiu seu quarto. Meia hora depois, saiu de lá com um maiô florido e um enorme chapelão de palha.

— Não sei vocês, crianças — enfatizou “crianças” com humor —, mas eu vou conhecer a praia.

— Praia? Com esse tempo? — Bárbara fechou mais o moletom no pescoço.

— A gente não precisa nadar, Babi — explicou meu primo. — Só fazer uma caminhada já é bom.

— Não gosto de caminhada — ela emburrou, sentada na ponta do sofá.

Não acreditava no que eu via! Será que a criatura ia mesmo ser do contra? Cochichei para Jaqueline:

— Que amiga você trouxe, hein?

— Nem é bem minha amiga, Magda. Tive de trazer, a mãe dela é que é amiga da mamãe. Os pais dela estão viajando e a Bárbara não podia ficar sozinha.

Isso explicava melhor as coisas, mas o fato de a Bárbara vir a contragosto não era motivo para destruir nossas férias! Troquei com Jackie um olhar de cumplicidade: “Se ela não manear a chatice, a gente enquadra rapidinho a garota”.

— E aí? Vamos ou não vamos ver essa praia? — Vovó nos apressava, já com a chave na mão.

Andamos um quarteirão e meio por terra batida. A maioria das casas era grande e antiga, também fruto do surto imobiliário dos anos 1970. Todas fechadas. Mais próximo da praia, o perfil das construções mudava: surgiram chalés e pousadas, vimos uma mercearia de porta aberta, com uma senhora gorducha à frente, que nos cumprimentou.

Correspondemos ao cumprimento e seguimos até a pista expressa, que beirava o mar e seguia assim até o Rio de Janeiro; como explicou vovó, “a antiga estrada Rio-Santos”.

A praia foi uma adorável surpresa. Àquela hora, meio da tarde, revelou-se um verdadeiro cartão-postal. O sol dourava as águas de um mar liso e espelhado, com reflexos verdes. Duas ilhas próximas embelezavam o horizonte.

Vovó colocou a cadeira em meio à praia vazia, eu estendi a esteira e abri espaço para Jaqueline. Magali nem quis sentar, foi depressa experimentar a água. Lucas e Bárbara ficaram de pé. Meu primo convidou:

— Pode sentar aqui, Babi. — Tirou a camiseta e a jogou na areia.

Ficamos ali, imóveis, recebendo o sol morno na pele, olhando... Era um momento de paz.

Veio um barco, de uma das ilhas. Acompanhamos sua trajetória por longos segundos. O mar calmo permitiu que o barco chegasse assim bem perto e fizesse um movimento em S, exibindo-se de lado a outro diante da gente.

Silêncio e curiosidade.

Bárbara quebrou o clima com seu comentário.

— Credo, que nome engraçado tem esse barco... Shirley.

O nome escrito ao lado da quilha era PEIXINHO. Então entendi... A marca do motor era Chrysler, que a adorável amiga da minha prima tinha entendido como “Shirley”.

E a temporada estava apenas começando!



A natureza nos deu os três próximos dias mais adoráveis e perfeitos, raros no mês de julho. O vento diminuiu e o sol continuou firme desde as primeiras horas da manhã até o fim da tarde. Mesmo a água de inverno era suportável. Magali achou uma boia de pneu de caminhão na garagem e naquele mar calmo a gente podia flutuar sem o menor perigo de correnteza. Vovó se bronzeava na esteira enquanto lia seus enormes livros de teoria. Lucas descolou um jogo de frescobol e pretendia treinar

com Jaqueline até ficar uma fera. Confirmava-se o clima de paz e sossego, de férias ideais. Se havia uma tempestade, ela se armava dentro da casa, na figura de Bárbara.

Andava sempre desconfiada. De tudo: daquela natureza, porque era natural e tinha bichinhos que voavam, se arrastavam, cricrilavam e arranhavam. Antes de dormir, virava e revirava colchão, travesseiro, lençóis. Um vaga-lume voejando em nosso quarto foi motivo de choro; só serenou quando Lucas o caçou com um pano de prato e o despachou pela varanda. Armou-se com um spray de veneno e mantinha-o ao alcance da mão, na cama de baixo do beliche. Arrepiava-se com a ideia de que “uma barata pudesse andar” por cima dela (apesar de não termos visto nenhuma barata na casa) e uma lagartixa na varanda a fazia correr para a sala.

Tinha também medo de água, mesmo num mar tão calmo, porque não sabia nadar. Ia à praia porque “não queria ficar sozinha na casa”, mas era sempre a última a levantar e a sair do banheiro. Lambuzava-se de protetor solar altíssimo, embora fosse morena e tivesse se esquecido de trazer o seu: Lucas emprestava o dele.

Juro que tentei ser gentil. Ainda não tinha comprado guerra com ela. Nós insistíamos em convidá-la, mesmo sabendo de antemão sua resposta: “Não jogo, não sei nadar, caminhada cansa muito, boiar em pneu é besteira, detesto cebola”. Essa descoberta — “detesto cebola” — nos dava o espetáculo diário de vê-la por longos minutos separar cada micropedacço de cebola entre os grãos de arroz. Também não era vegetariana, mas “tinha nojo” de frango, carne de panela, linguiça. A única coisa que mais ou menos aceitava era salsicha, e então vovó estocou no freezer meia dúzia de pacotes da sua marca favorita.

— Vocês estão muito implicantes! — disse Lucas, quando flagrou sua irmã e eu marcando os minutos que Bárbara levava no banheiro. — A Babi é garota de shopping, poxa! O que tem? Deixa que ela se acostuma...

O que eu não me acostumava era com o modo descarado com que Bárbara jogava charme para o meu primo. Era um bocado ridículo, porque o Lucas nem tinha 15 anos. Não devia estar a fim dele. Então, por que sair do banheiro com rímel e batom? E por que a primeira coisa que fazia era olhar para ele e agradecer com voz rouca, “obrigada”, quando o babaca dizia “você está bonita”? E por que sempre tinha algo a contar *para ele*, alguma ajuda a pedir *para ele*, por que media o instante de ajeitar o biquíni para conferir se *era ele* quem estava olhando? Por que fazia isso?